

O surgimento da religião como instinto de dependência The emergence of religion as an instinct for dependence

ARLEI DE ESPINDOLA¹

ADRIANO APARECIDO FERREIRA MELO²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o surgimento da religião a partir de Feuerbach. Discutir a religião neste pensador é se deparar com argumentos sólidos que nos propicie a repensar a nossa compreensão sobre a mesma. A problemática que permeia o artigo é se o instinto de dependência é suficiente para explicar a origem da religião ou se devemos recorrer ao medo como fonte de explicação do surgimento da religião. Para buscar uma resposta a esse questionamento, vamos nos fundamentar nas principais obras do pensador e apresentar temas relevantes como o conceito de religião; Deus; homem; Filosofia especulativa. Estes temas são de importância inquestionável para compreender o surgimento da religião, mas se faz necessário pensar a religião na perspectiva humana e natural.

Palavras-Chave: Instinto de dependência. Deus. Homem. Religião.

Abstract: This article intends to discuss the rise of religion in Feuerbach. Discussing religion in this philosopher is to face solid arguments that propitiate us to rethink our understanding about the theme. The article's question is about the rising of religion as a dependency instinct on one side, and the fear as its origin on the other side. To search for an answer to this question, we will base ourselves on the main works of the thinker and present relevant themes such as the concept of religion, God, man and speculative philosophy. Those are fundamental topics for the rising of religion understanding, but it is necessary to think about religion from a human and natural perspective too.

Keywords: Dependency Instinct. God. Man. Religion.

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1992), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Pós-Doutorado em Filosofia pela PUC-RS (2016). Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina/PR. E-mail: earlei@uel.br; earlei@sercomtel.com.br

² Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina; Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Londrina. Participa do Projeto de Pesquisa, enquanto graduando do Direito, projeto intitulado: "Materialismo Antropológico de Feuerbach: Da Fonte da Reflexão no Iluminismo ao Impacto no Marx dos Primeiros Escritos", cadastrado sob o nº 10834, coordenado pelo Professor Doutor Arlei de Espíndola. Vale destacar que a presente contribuição consta desenvolvida de modo semelhante no primeiro capítulo da dissertação já apresentada, somando-se aos esforços aqui de disseminação dos resultados da pesquisa, por opção do estudante, pesquisa em vias de encerramento, fazendo-se este artigo conjunto. E-mail: melo.adr@gmail.com

Introdução

O nome de Feuerbach - que traduzindo significa “ribeiro de fogo” (ALVES apud FEUERBACH, 1989, p. 7) - está associado com a sua filosofia. Assim como o seu nome é caminho de fogo sua filosofia queima a tradição especulativa religiosa de modo que não tem como perpassar por ela sem se queimar ou queimar o autor, e, fazendo jus ao seu nome, foi punido como arsonista³ terminando por viver no exílio intelectual.

Objetiva-se nesse artigo discutir o surgimento da religião em Feuerbach, tema esse que perpassa toda filosofia do pensador. Vamos percebendo - ao desenrolar do texto - que a religião foi compreendida como algo estranha a si - uma objetivação -, mas vamos demonstrar que ela não é alienação e sim consciência de si.

Ao definirmos ela como consciência de si, trazemos o problema religioso para dentro da filosofia, pois passa a ser compreendida como sendo antropologia e fisiologia. É nessa linha antropológica e materialista que a discussão irá se desenvolver, porque os problemas filosóficos e religiosos são os mesmos: o homem real e a natureza.

Destarte, iremos percebendo que o instinto de dependência é o que irá fundamentar o surgimento da religião, de modo que irá dar estrutura a fim de que a religião surja e permaneça, contudo para que isso acontecesse o autor precisou ser “queimado”.

106

O fundamento psicológico e subjetivo do surgimento da religião

Discutir o surgimento da religião (Religion) tem a finalidade de apresentar como o filósofo compreendeu a religião e o objeto religioso ao desenvolver os seus textos. Ora, esta temática se encontra ligada diretamente com a compreensão da religião como algo alienante ou objetivo. Buscar compreender o surgimento da religião em Feuerbach é se deparar com uma crítica a tradição filosófica e religiosa.

Em a *Essência da religião*, Feuerbach discute o que leva o surgimento da religião. Esta obra busca superar uma lacuna deixada por *A essência do cristianismo*, pois esta apresenta a essência da religião cristã sozinha e isolada, enquanto aquela desenvolve, segundo Chagas, “a essência da religião em geral, [...] pré-cristã” (CHAGAS, 2014, p.85) e ao discutir sobre a essência da religião em geral, Feuerbach, depara-se com o surgimento da mesma. No segundo parágrafo do texto *Essência da religião*, há uma demonstração do objeto primeiro da religião que é a natureza, mas ele é fundamentado numa origem subjetiva e psicológica. Conforme podemos constatar nas *Preleções*: “O sentimento de dependência é o único nome e conceito

³ Arsonista é uma pessoa que gosta de ver o circo pegar fogo, usando linguagem popular. Foi considerado um pelo fato de haver criticado duramente a religião e não se importar com as críticas sofridas, como ele mesmo descreve no prefácio a segunda edição d'*A essência do cristianismo*.

universalmente certo para a designação e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião” (FEUERBACH, 1989, p. 34). Este sentimento é o mesmo que o sentimento de finitude: “é o sentimento ou a consciência de que ele um dia acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião. [...] somente o túmulo do homem é o berço dos deuses” (FEUERBACH, 2009, p. 46-47). Aqui se percebe a necessidade desse sentimento (instinto) para o despertar da religião.

A partir do que Feuerbach entende por religião, fica evidente que ela é inata ao ser humano. Em *A Essência do cristianismo* isto é evidente, pois ela está no próprio homem (*Mensch*) e percebemos o ato de definição dela enquanto “consciência que o homem tem de si” (FEUERBACH, 2007, p. 45). Também o seu conceito de religião na *Essência da religião* corrobora com essa tese, e nesta, a religião é entendida “como o sentimento de dependência, o sentimento ou a consciência espontânea que o homem tem de não existir sem um ente distinto de si” (FEUERBACH, 2005, p.24). Aqui nos deparamos com um problema: qual a relação entre o conceito de religião encontrado em *A Essência do cristianismo* e este da *Essência da religião*? No primeiro parágrafo d’*A Essência do cristianismo*, o autor coloca a religião como princípio diferenciador entre o homem e o animal, ou seja, ela é a própria consciência humana, “consciência no sentido rigoroso, no qual para um ser é objeto o seu gênero, sua quiddidade” (FEUERBACH, 2007, p. 35). Ao definir a religião desta maneira, Feuerbach vai, na *Essência da religião*, relacionar esse conceito com o surgimento da mesma, porque ao afirmar que o seu surgimento está fundamentado no instinto de dependência - aquilo que não pode ser eliminado do ser humano - e está na própria essência humana o ato de buscar uma divindade⁴, e este ato de buscar faz com que o homem tome consciência de si (FEUERBACH, 2007, p. 38), em si mesmo ou a partir da natureza. Mas a consequência da sua filosofia será a de que não existe nenhum Deus (*Gott*), no sentido abstrato, e sim de que “o homem e a natureza que decidem sobre o destino do universo e da humanidade a seu bel-prazer” (FEUERBACH, 1989, p. 28). O Instinto de dependência (*Abhängigkeitsgefühl*) é próprio do homem, é natural a ele buscar um ser superior e colocar para fora de si este ser. Quando o homem percebe que esse ser é externo, está fora de si - fazendo-se uma objetivação religiosa -, depara-se com a natureza como sendo um ser divino ou com sua essência objetiva, esta essência objetivada se fundamenta na necessidade (dependência) que o homem tem do ser divino, com isso fica insustentável a tese de que o medo⁵ é o que gera a religião, pelo menos ela não é

⁴ Essa afirmação começa a dar início a ideia de objetivação em Feuerbach.

⁵ Existem pensadores que defendem essa tese, podemos destacar nomes importantes, como Hume, por exemplo, que apresenta a seguinte ideia: “Em questões de religião, os homens têm mais prazer em sentir medo, e os pregadores mais populares são os que despertam as paixões mais lúgubres e sombrias. Nos afazeres cotidianos, quando estamos mergulhados na materialidade sensível dos assuntos tratados, nada pode ser mais desagradável que o medo e o terror. Somente nos espetáculos dramáticos e nos sermões religiosos eles podem nos dar prazer” (HUME, 2009, p. 145 -146).

suficiente para explicar a origem da religião. “O medo é o sentimento da dependência de um ser sem ou pelo qual não sou nada” (FEUERBACH, 1989, p. 34). Parece, com essas afirmações, ocorrer uma negação da religião, mas o que ocorre é uma demonstração de como ela surge e se fundamenta na história. Negar a religião é negar a própria essência humana, é negar a própria natureza. A intenção do filósofo é rediscutir a religião, reinterpretando-a e, também, o seu objeto acaba sendo fixado numa necessidade humana. É buscando sanar essa necessidade que a religião se torna antropologia (*Anthropologie*) e fisiologia (*Physiologie*).

Em Feuerbach, o problema religioso está ligado com o problema filosófico, isto é, ele apresenta uma nova maneira de conceber o pensamento filosófico e o pensamento religioso associando ambos a uma filosofia prática, sem essencialismo ou metafísica. Ao fazer essa ligação entre esses dois pontos, o filósofo apresenta uma fundamentação filosófica para a religião, fazendo com que ela se torne uma reflexão sobre a realidade e se limite a refletir sobre ela. Para que isso venha acontecer, é necessário entender que a religião feuerbachiana é desenvolvida em uma perspectiva materialista-antropológica (homem e natureza). A filosofia - entendida como filosofia prática - é inconciliável com a teologia - entendida também como filosofia especulativa -, pois os argumentos teológicos centram-se em querer demonstrar a existência e as propriedades de Deus enquanto ser metafísico; assim também é a filosofia especulativa, a qual busca tratar da abstração, como a teologia. Todavia, ambas são incompatíveis com a religião - desde que seja entendida como acontecimento da vida humana - tendo no centro o homem e a natureza. Por mais que a religião parta de uma fisiologia⁶, como ele a apresenta na *Essência da religião*, ela tem como foco o homem, porque somente ele é capaz de atribuir sentido à natureza, ou ainda “ela é o fundamento da vida humana” (FEUERBACH, 1989, p. 28). A natureza pressupõe o homem, ela é a causa e o fundamento do homem, mas ela só se torna consciente e inteligente por causa do homem.

Aqui temos que fazer uma ressalva em relação à divindade; tanto n’*A essência do cristianismo* como na *Essência da religião* não há um endeusamento⁷ do homem e nem da natureza. O que ele pretende é designá-la como meta do próprio homem e apresentar as suas qualidades humanas, assim também é com a natureza. Em

⁶ “Numa palavra: a natureza (fisiologia) é o fundamento do homem (antropologia). Procurar-se-á evidenciar que tal transição no pensamento de Feuerbach traz uma profunda mudança no tocante a sua relação com o sistema hegeliano. Nossa justificativa consiste no fato de que, para Feuerbach, não só a teologia, mas sua forma de filosofia sublimada, isto é, a filosofia de Hegel, deve ser inteiramente esclarecida. Em face desse esclarecimento, como ponto de partida positivo da nova filosofia ou “filosofia do futuro”, aparece o homem racional concreto na sua relação fundamental com a natureza, e, enquanto aspecto ético e social, a relação EU-TU e o amor” (SOUZA, 2013, p. 46). Ver também a ideia de Feuerbach sobre a filosofia da natureza. FEUERBACH, L. *Xiene satirico-teologiche*, 2000, p.65.

⁷ Feuerbach não faz do homem, como foi sustentado, um Deus no sentido da fé teológico-religiosa, ele o analisa em seus elementos humanos e antiteológicos como é possível conferirmos em FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*, 1989, p. 39.

relação a natureza, ele não a quer divinizá-la no sentido teológico e nem da forma do panteísmo, que a designou “como o fundamento da existência humana, como a essência da qual o homem deve saber depender e da qual é inseparável” (FEUERBACH, 1989, p. 40). Esta condição de relação homem e natureza, que demonstra uma inseparabilidade entre elas, é aceitar a imanência da divindade a partir do pensamento feuerbachiano, porque ambos assumem uma condição divina, mas materialista. Ora, fazemos esta afirmação, porque o depender é o primeiro ato do surgimento do ser religioso e a inseparabilidade reafirma esta dependência, uma vez que não conseguimos e não podemos nos separar daquilo do qual somos totalmente dependentes, isto é, o homem sem o seu ser divino é um ser sem sentido no plano existencial. Um ser sem sentido é um ser que não reconhece a sua essência e que não se relaciona; é uma relação egoísta, entendendo esse egoísmo como um eu único e não como amor de si.

O não reconhecimento desta condição de relação e dependência é o que podemos chamar de ateísmo. O ateísmo⁸ é fortemente defendido na sociedade contemporânea. Partindo de Tomasoni, afirmamos que: grandes nomes da atualidade (científica) como Richard Dawkins⁹ afirmam “fortemente a necessidade do ateísmo” (2015, p.33). O negar o ser religioso é uma condição para se fazer ciência na contemporaneidade, mas a crítica ao ser religioso da contemporaneidade não atinge Feuerbach, pois Deus e religião para nosso filósofo são entes diferentes da tradição teológica e filosófica. Ambos surgem de uma forma real e a crítica científica não os afeta, porque a ciência - assim como o Deus feuerbachiano - trabalham com o que é concreto. A ciência torna a religião teologizada algo supérfluo, uma mentalidade antiga e negativa. Feuerbach tem consciência da importância da religião e isto é percebido n’ *A essência do cristianismo*, que na primeira parte trata da religião e seu acordo com a essência humana, ser mais desenvolvida do que a segunda parte, que trata da religião e o desacordo com a essência humana.

Não podemos negar que Feuerbach foi influenciado pelo positivismo, o que diferencia ele dos pensadores, que a partir do positivismo fundamentaram a ciência, é a consciência de que a “a religião tange problemas mais profundos, existenciais, e que a ciência é circunscrita dentro de barreiras e finalidades dadas” (TOMASONI, 2015, p. 35). Ao adentrar no cristianismo, Feuerbach percebe o homem como um ser complexo e que não foi devidamente compreendido pela filosofia especulativa o

⁸ Podemos afirmar que Feuerbach é ateu no sentido em que estamos tratando “a crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior” (FEUERBACH, 2007a, p.43), mas quando estamos diante da sua filosofia encontramos uma forma diferente de entender o ateu, porque “um ateu legítimo, isto é, um ateu no sentido vulgar é então aquele para o qual os predicados da essência divina, como, por exemplo, o amor, a sabedoria, a justiça, nada significam, mas não aquele para o qual o sujeito desses predicados nada significa. E de forma nenhuma é a negação do sujeito também necessariamente a negação dos predicados em si” (FEUERBACH, 2007a, p.51).

⁹ Richard Dawkins (1941) é um etólogo (aquele que estuda o comportamento animal) e biólogo evolucionista. É considerado um dos grandes nomes do ateísmo contemporâneo.

qual compreendeu apenas na perspectiva da razão. A razão é necessária para entender o homem e também a divindade; ela é o ponto de partida, porque “Deus é a objetivação da razão” (TOMASONI, 2015 p. 35), ou, antecipando as palavras de Feuerbach: Deus pensado como algo que se encontra fora do homem, como não-humano “é a essência objetivada da inteligência” (FEUERBACH, 2007a, p. 63). Mas a divindade não se resume na razão, pois se assim fosse ele estaria preso à filosofia especulativa; ele propõe um confronto entre lei (razão) e o coração. A razão nos impõe uma lei incondicional, já o “coração compadece do pecador” (FEUERBACH, 2007a, p. 75). O coração afirma a divindade como um ser real, como um ser humano, já a razão afirma a divindade como um ser perfeito, puro e pleno, com isso, a razão é a parte de um todo, enquanto o homem é esse todo não é apenas razão.

O amor (coração) é fundamento da filosofia do futuro¹⁰. O que nosso autor está querendo mostrar é que somente no amor, sentimento em geral, que cada homem irá reconhecer a verdade da filosofia. Para ele o sentimento não se relaciona com seres abstratos ou metafísicos, mas com “objectos e seres reais e sensíveis” (FEUERBACH, 2002, p. 81). Quando Feuerbach está referenciando o coração (amor) está falando do homem concreto, ele não quer “partir em sua própria filosofia de nenhum princípio divino ou ser absoluto, mas do homem e apenas do homem” (FEUERBACH, 2002, p. 81) que depende da natureza para sua existência. Mas quando estamos falando do homem feuerbachiano estamos entendendo o “homem tal como ele se encontra na existência concreta e em sua inserção na natureza” (FEUERBACH, 2002, p. 81) “O primeiro objeto do homem é o homem; ‘O homem é, para si, a medida de todas as coisas, de toda a realidade’. Por isso, deve-se ‘fazer do homem a questão da filosofia’” (WEISCHEDEL, 2006, p. 270), por consequência uma questão da religião. Como vimos anteriormente, não há uma negação da divindade em nosso autor, e a religião é algo necessário, pois é o princípio diferenciador entre os humanos e os animais: os animais não têm religião¹¹. Não é somente a razão o que diferencia o homem dos animais como é discutido na filosofia especulativa. A razão é apenas uma parte do humano, mas não o homem em sua totalidade.

O homem completo é composto de *razão, vontade e coração* que necessita da capacidade de *amar* sendo exercitada; essência divina deste, a dependência do homem de um ser perfeito faz com que ele coloque para fora de si o que está dentro; ou seja, o que a teologia chama de Deus, Feuerbach percebe que está no próprio homem, potencial e virtualmente, como sendo algo perfeito (Razão, vontade e amor). Pela religião tornamo-nos diferentes em relação aos animais, mas isto não quer dizer que os animais não sirvam como uma divindade para os humanos. E o

¹⁰ Não se tem o objetivo de discutir o tema da filosofia do futuro, mas para fins de esclarecimento, a filosofia do futuro é a inauguração de Feuerbach de uma abordagem antro-materialista no pensar filosófico. Essas ideias são discutidas na obra *Princípios da filosofia do futuro*.

¹¹ Segundo Feuerbach: “A religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (FEUERBACH, 2007a, p.35).

que faz com que o homem adore alguns animais ou um Deus transcendente como no cristianismo? A dependência dele em relação a estes animais, objetos ou a uma perfeição (entidade perfeita). O sentimento de dependência é o fundamento da religião e o objeto mais primitivo da religião é a natureza. A natureza é o primeiro objeto da religião, pois ele depende dela, mas não da natureza em geral e sim da natureza particular, ou seja, “não depende da terra em geral, mas deste solo e desta terra; não da água em geral, mas desta água, deste rio e desta fonte” (FEUERBACH, 2005, p. 25). A natureza é entendida como “objetos que o homem diferencia de si mesmo e de suas próprias produções” (FEUERBACH, 2005, p. 23); é tudo aquilo que está fora do homem e dessas coisas é que nos tornamos dependentes. Quando foi defendido por Feuerbach que o “sentimento de dependência” é o “fundamento da religião” ele foi zombado pelos filósofos especulativos¹². Esse sarcasmo já é perceptivo desde quando Hegel não levou a sério Schleiermacher, pois este fez a afirmação do instinto de dependência que se encontra na religião, por conseguinte Hegel o ironiza afirmando que “conforme essa doutrina também um cão tem que ter religião porque sente-se dependente de seu dono” (HEGEL apud FEUERBACH, 1989, p. 30). Podemos falar que a religião surge no homem como um sentimento de dependência, pois este ato é a dependência do homem não existir sem um ente diferente de si, como ele afirma na *Essência da religião*.

Alguns, assim como os “antigos ateus” os “povos mais rudes da África” da “Ásia do Norte” e da “América”, buscaram explicar o surgimento da religião a partir do medo; assim também é o cristianismo. Como já afirmamos anteriormente, o medo não é uma explicação suficiente e completa para explicar a origem da religião. Não atribuímos ao medo, porque uma vez que o perigo tenha cessado, o medo segue-se em um sentimento oposto; encontra-se preso no mesmo objeto um sentimento de conforto. Precisa-se ter um pouco de atenção, defendeu Feuerbach, pois podemos querer atribuir o sentimento de conforto e de alegria a um ser distinto do que causou o medo. O sentimento oposto é o “da libertação do perigo, do medo da angústia, é o sentimento do arrebatamento, da alegria, do amor e da gratidão” (FEUERBACH, 1989, p. 33). Ora, “o mesmo Deus que destrói árvores, animais e homens através de seu raio é o mesmo que reaviva os campos e prados através de sua chuva” (FEUERBACH, 1989, p. 33).

A nossa dependência em relação a objetos, animais ou um ser transcendente é uma demonstração de um egoísmo, pois adoramos aquilo que julgamos ser útil para nós. Que sentido tem a existência de Deus se ele não me for útil? Se ele não propor benefícios ao indivíduo não tem sentido a sua existência. Partindo da ideia de Deus ser um ser útil, o homem religioso é um ser egoísta, pois “renuncia à sua própria pessoa, mas em compensação é para ele, Deus, o ser plenipotente e ilimitado, um

¹² Os filósofos especulativos são aqueles que não levam em consideração o real, tais como Espinosa, que para Feuerbach é o criador, Schelling é o seu restaurador e Hegel levou-a ao pleno cumprimento.

ser pessoal” (FEUERBACH, 2007a, p. 57); ele renega a dignidade humana buscando um ser que se compara a ele: Deus um ser egoísta, que tudo só quer a si, a sua honra e a sua vantagem. Mas o egoísmo não é colocado num patamar negativo, ele é o amor de si. Somente amo o outro quando amo primeiramente a mim. A religião irá proporcionar este amor que ocorre entre os entes sagrados: homem e natureza. Esta importância dada por Feuerbach a religião fez com que ele afirmasse que ela é o “fundamento da vida humana” (FEUERBACH, 1988, p. 28). É o fundamento porque ela tem uma característica existencial, real e limitada.

Em *A essência do cristianismo* é demonstrado um Deus não como um ser estranho, “anteposto a ele” (FEUERBACH, 2007a, p. 63), diferente do humano, mas um Deus íntimo ao humano. Temos um confronto entre o que os cristãos pensam ser Deus e o que eles atribuem ao homem: “Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem pecador. Deus e homem são extremos” (FEUERBACH, 2007a, p. 63). É este confronto que causa a dependência, pois toda perfeição divina coloca o homem diante das suas limitações e fraquezas e uma grande limitação é a morte. A morte é o reconhecimento da finitude humana, e o sentimento de dependência mais delicado, pois o homem pode realizar grandes feitos, mas a morte é uma certeza indubitável. A morte imprime no homem um sentimento de limitação, no qual ele não depende só dele, ele não pode viver o tanto que ele deseja.

No cristianismo temos a dependência do homem para com o seu “criador”, um homem preocupado em retornar para o seu Deus e de viver no paraíso, a qual foi expulso; podemos entender este paraíso como a vida pós morte, ou como afirma Santo Agostinho, “[uma vida feliz está em procurar a Deus, pois] quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-Vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós” (AGOSTINHO, 1997, p.185). O cristianismo busca confortar os menos favorecidos, defendendo uma igualdade no paraíso, em que não há rico e nem pobre; por uma necessidade egoísta de ser reconhecido (seja em vida ou em morte) faz com que nós dependamos de um ente perfeito. Somente Deus, para os cristãos, é capaz de propor esta igualdade. O sentimento de dependência no cristianismo se resume numa busca constante da perfeição e superar as limitações ou desenvolvimento das capacidades do humano. Somos limitados e o homem sentindo-se limitado e finito passa acreditar em um ser ilimitado e infinito: Deus.

É aí que a religião, “enquanto manifestação da infinitude de Deus, oferece ao homem essas características perfeitas e o homem revela-se na possibilidade de ver os seus desejos de infinitude realizados na figura de Deus” (MERUJE, 2010, p.9). A religião sendo algo próprio do ser humano faz com que ele necessite de um ente superior - um ser perfeito-, pois soa estranha a não existência de um ser pleno, principalmente para a origem do universo ou a própria criação dos seres. Há a

necessidade de propor um criador para o mundo, não reconhecendo a “criação do universo em si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p. 107) e o seu sentido (significado) sendo atribuído pelo homem.

Em *A essência do cristianismo*, Deus é tido como uma necessidade - instinto de dependência - mas o homem se encontra infeliz, pois na infelicidade o homem se relaciona com o que é necessário, relaciona-se consigo mesmo. Quando tudo na vida parece estar um caos, Deus surge como um conforto. O homem é carente de Deus, sem a ideia de Deus o homem fica perdido, ou melhor: a dependência do homem em um ser superior faz com que ele se encontre.

A dependência humana faz com que a religião surja como uma necessidade de manifestar o sagrado, e ao surgir o homem colocou Deus para fora de si e o adorou como um ente supremo. Este ato de adorar a essência humana é a essência da religião cristã, é também a primeira definição de religião dada por Feuerbach, pois em *A essência do cristianismo* a religião é compreendida como “a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007a, p. 45); essa consciência é a consciência da sua essência que nada mais é do que a “razão”, a “vontade” e o “coração”, isto é o que há de mais perfeito e pleno no homem. Podemos perceber que a religião tem a sua condição de possibilidade na vida interior. Diversamente dos objetos sensíveis, que reproduzem elementos do mundo exterior, o objeto religioso, do cristianismo, habita a consciência sem que lhe corresponda qualquer coisa sensível.

Tratando desta questão que envolve a consciência, ou vida interior, Serrão (2014) afirma que:

Mesmo que pudesse comparar-se a outros conteúdos mentais, como as ideias abstratas ou os produtos da atividade pensante, acresce que este conteúdo que é “o objeto mais íntimo, mais próximo de todos” (GW 5, 45), possui ainda outra particularidade: é um objeto eleito, sempre associado a uma ideia de preferência e de valor, e mesmo de valor supremo, que não só o coloca acima dos sensíveis mundanos mas também dos produtos das faculdades cognoscitivas. Deus é este objeto ao mesmo tempo mais íntimo e mais elevado (p. 29)

O homem não reconhece a sua perfeição, por isto coloca a divindade para fora de si, tornando-se assim alienado.

A partir de alguns exemplos históricos, podemos perceber que a religião é a qualidade ou característica de um ser que se relaciona com outro. Demonstra nos ser o seu sentimento de finitude, sentimento de dependência e sentimento de finitude são a mesma coisa.

Associando o sentimento de dependência aos animais - e aqui estamos falando de alguns animais que se tornaram divindades para o homem - afirmamos que “os

animais são seres indispensáveis para o homem” (FEUERBACH, 1989, p. 42). A contribuição dos animais para a vida humana é vasta, pois somente atingimos o estágio da cultura com a ajuda dos animais e a adoração deles como Deus se dá por causa da dependência da sua existência em relação a determinados animais, ou seja, ele objetiva apenas o valor que atribui a si e a vida.

Podemos encontrar nas *Preleções* citações de várias obras que discutem sobre os animais como objetos de adoração por alguns povos¹³ e nelas o que se destaca por nosso autor são os animais e objetos que são adorados. É destacado por ele, por exemplo, as lhamas que são adoradas como sagradas por muitos peruanos; destaca também a adoração dos hindus em relação ao touro. Os devotos budistas e mais os jainas ou dschainas (seita dos hindus próxima do budismo) consideram qualquer aniquilamento do mais ínfimo verme como um pecado como se fosse um crime a qualquer ser humano. São apenas alguns dos exemplos citados pelo nosso autor; citamos tribos antigas, religiões milenárias como o hinduísmo; mas que importância tem o animal ainda hoje? Buscando um sentido para esta questão, temos como resposta a afirmação que “os animais eram seres necessários para o homem” (FEUERBACH, 1989, p. 43). Aquilo que é necessário é aquilo de que eu dependo; observando desta forma, a natureza animal tornou-se objeto de adoração animal da mesma maneira que a natureza em geral, porque assim como a natureza em geral é o “princípio fundamental da existência humana” (FEUERBACH, 1989, p. 43), assim também é compreendida a natureza animal. O que queremos ressaltar aqui é que o culto aos animais se dá em uma cultura que se iniciava, uma cultura primitiva, mas que não se perdeu, pois os animais ainda são adorados. Ao rirmos dos cultos aos animais entramos em contradição, pois ainda consideram um cão como se fosse um ser humano. O cão, além de ser comparado com um ser humano e muitas vezes tem mais valor, tem uma importância significativa para o caçador e para o pastor, ou seja, “que é o caçador sem o cão de caça, o pastor sem o cão pastor, o camponês sem o boi?” (FEUERBACH, 1989, p. 43). A dependência aos animais ainda é algo constante na sociedade vigente, como podemos perceber. Com isso, voltamos a evidenciar o que já havíamos discutido em parágrafos anteriores, a necessidade da natureza não é uma necessidade geral e sim particular, não dependemos do animal geral e sim do particular.

Conclusão

Em suma, o sentimento de dependência está na origem da religião, pois ela surge a partir do momento em que passamos a depender de algo, com isto passamos a divinizar determinados objetos ou animais, como o texto buscou apresentar. Ao propor este sentimento como o princípio da religião, Feuerbach combateu a

¹³ Eis algumas das obras citadas por Feuerbach relativas ao assunto: *Costumes dos habitantes primitivos do Brasil* de Martius; *Enciclopedia* de Ersch e Gruber; *A antiga Índia* de Bohlen; *História geral crítica de todas as religiões* de Meiners.

alienação religiosa, por conseguinte a ele atinge a filosofia especulativa, e metodologicamente ele busca solucionar o problema de ambas. Ao colocar o sentimento de dependência como a origem da religião, damos ênfase em seu sentido positivo, buscando perceber a objetivação proposta por Feuerbach e ao mesmo tempo destacar que há uma recusa para se ter uma afirmação, pois como ele mesmo comenta: “nego apenas para afirmar” (FEUERBACH, 1989, p. 28). Vê-se uma concatenação entre os três tópicos, pois a forma como se conceitua a divindade pode ser uma objetivação ou alienação, mas ambas têm sua origem no sentimento de dependência.

Temos consciência de que não é possível aceitar as afirmações de Feuerbach sem uma compreensão do que seja a filosofia, uma vez que ela desenvolve os mesmos problemas da religião. Para que isso aconteça precisa da necessidade de uma reinterpretação da religião e, por conseguinte, da filosofia; ela será aquilo que de fato tem que ser, e não mera quimera, fundamentando-a a partir da sua origem. Buscando dar uma consistência ao tema principal, temos a necessidade de apresentar a proposta de uma nova filosofia em Feuerbach, negando a tradição e afirmando um novo propósito ao fazer filosófico, que é colocando a objetivação dentro da filosofia. Assim como a objetivação não é algo ruim, a religião na sua origem é boa, mas se deteriora; e ao deteriorar-se é ainda religião, mesmo que precise se restabelecer. Tem-se a necessidade de diferenciar teologia e religião, e nos argumentos precedentes apenas de modo sumário deixo claro que Feuerbach está se distanciando da especulação teológica e da filosofia especulativa, para fundamentar a filosofia do futuro que requer o homem integral, este ser de carne e osso, sobretudo.

A partir dos escritos de Feuerbach, percebemos que a religião continua a ser o lugar de manifestação do divino (Deus), o que se transforma é a compreensão deste divino que foi apresentado errônea e intencionalmente pela tradição. A perda da essência metafísica da divindade faz com que Feuerbach seja tachado como ateu; mas até que ponto podemos atribuir a Feuerbach um ateísmo? É fato que o nosso autor pensa Deus como um ser real, seja ele a natureza ou as qualidades perfeitas do homem; ora, de alguma maneira há uma crença na existência da divindade. Se ele acredita na divindade como sendo o real, ser ateu seria negar a realidade sensitiva em prol de uma vida celeste, é o mesmo que negar as qualidades humanas e as qualidades da natureza; ser ateu nada mais é do que recusar a existência. O fato de o homem existir como um ser concreto faz com que ele dependa das coisas, seja ela perfeita ou material e, também, a existência faz com que a religião seja compreendida de maneira materialista, porque é na existência real o lugar de manifestação do sagrado.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões; De Magistro*. Tradução de J. O. Santos; A. Pina & A. Ricci. Nova Cultural: São Paulo. 1997. (Coleção Os pensadores)
- CHAGAS, E. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. In: *Revista Dialectus*, nº4, pg. 78-91, Fortaleza, Janeiro-Julho de 2014.
- FEUERBACH, L. *A essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007a.
- FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: 1989.
- FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Trad. Artur Morão. Lisboa: edições 70, 2002.
- FEUERBACH, L. *La esencia de la religión*. Trad. Tomás Cuadrado Madrid: Páginas de Espuma, 2005.
- FEUERBACH, L. *XIENE satirico-teologiche*. Traduzione dl tedesco di Fabio Bazzani. Firenze: Editrice Clinamen, 2000.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- MERUJE, Márcio. *Amor e Sofrimento. Entre Ludwig Feuerbach e René Girard*. Covilhã: lusofia, 2010
- SERRÃO, A. A essência da religião em geral: uma análise da Introdução a Das Wesen des Christentums de Ludwig Feuerbach. In: *Ensaaios Filosóficos*, Volume X, Rio de Janeiro, dezembro/2014.
- SOUSA, A. L. *Questão de método em Ludwig Feuerbach: Da Carta a Karl Riedel aos Princípios da Filosofia do Futuro*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.
- TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2015.
- WEISCHEDEL, W. *A escada dos fundos da filosofia*. Tradução de Edson Dognaldo Gil. São Paulo: Editora Angra, 2006.

Submissão: 30. 12. 2020 / Aceite: 30. 01. 2021